

Recreio muda para acabar com violência

Humberto Rezende
Especial para o **Correio**

A Escola Classe 2 e o Centro de Ensino 2, ambos em Ceilândia, sofriam com um grave problema: as brigas constantes e os graves acidentes, que obrigavam seus diretores a correr para o hospital com algum estudante ferido praticamente toda semana. Em uma ocasião, o vice-diretor do Centro de Ensino 2, Adilson Araújo, socorreu um aluno que teve a cabeça aberta depois de tomar uma cadeirada de um colega.

A situação era grave também na Escola Classe 2. “O senhor de novo, professor?”, ouviu certa vez o diretor José Luís Pereira de um médico no Hospital Regional da Ceilândia, quando chegava com um aluno ferido. Mesmo atendendo crianças de cinco a 11 anos, eram comuns os casos de pernas, braços e narizes quebrados no colégio.

Isso, no entanto, agora é passado. Com idéias diferentes, mas igualmente simples e criativas, as duas escolas conseguiram reverter o quadro de violência. De que forma? Prestando atenção no que pais e alunos tinham a dizer e principalmente transformando a hora do recreio — momento em que as brigas e tumultos são mais comuns em toda escola, quando os alunos ficam longe dos olhos de professores e orientadores — em programas divertidos e responsáveis.

No momento em que a violência que acontece do lado de dentro dos muros das escolas assusta pais e sociedade, duas escolas da Ceilândia mostram que algo pode ser feito sim. E mesmo escolas onde o problema ainda não está tão assustador podem adotar medidas desse tipo de forma preventiva, que tornam a escola um lugar muito mais agradável e estimulante aos alunos.

Adauto Cruz



Na Escola Classe 2 de Ceilândia, os alunos podem escolher entre várias brincadeiras na hora do recreio: mais diversão e menos acidentes graves

NA ESCOLA CLASSE 2

De colete amarelo, Stela Mares Campos, 11 anos, está orgulhosa. Ela organiza a fila de alunos que querem jogar dardos. Ela sabe da sua responsabilidade. É monitora do recreio dirigido na Escola Classe 2, da Ceilândia, onde cursa a 5ª série. Como ela, colegas de sua turma são responsáveis por outros jogos: ping-pong, futebol de botão, corda ou bambolê. “Eu digo de quem é a vez e todos obedecem”, conta a menina. E se alguém for desobediente? “É só eu procurar algum professor”, responde sem vacilar.

O recreio dirigido é uma idéia simples que tem garantido, desde 1997, a paz no intervalo da Escola Classe 2. Dez minutos antes do intervalo começar, os alunos que serão monitores daquele dia saem de sala e pegam na secretaria os coletores que os identificarão. Depois passam na sala de educação física e recebem os brinquedos, dos quais ficam responsáveis.

Os outros podem então escolher do que querem brincar e entrar na

fila. “Antes, a brincadeira preferida deles era correr e empurrar o outro. Quando um caía, todos pulavam em cima dele”, lembra o diretor José Luís Pereira. Os alunos mais velhos também costumavam provocar brigas, o que tornava o recreio um momento de risco constante.

“Eu só ficava sentado. Tinha medo dos alunos maiores”, lembra Albert Queiroz, 11 anos, que adora jogar dardos. “Eu também prefiro os dardos”, conta Marcos Ribeiro, sete anos, que torce para chegar o dia em que atuará como monitor. “Me sinto importante.”

A orientadora educacional da escola, Maria Jurânia Marques, diz que o sucesso da idéia é devido à persistência da equipe da escola. Em 1997, junto com os pais, todos viram a necessidade de se fazer algo para diminuir a violência entre os alunos. Com a verba que tinham, compraram os jogos e com o apoio de uma papelaria conseguiram os coletores de monitoria.

Ao mesmo tempo, começaram

uma campanha de sensibilização dos alunos. Com cartazes em punho, que traziam mensagens contra a violência, Jurânia foi às salas para convencer os alunos a respeitarem os colegas no recreio. O segundo passo, foi escalar justamente os alunos mais problemáticos para serem monitores. “Eles se sentiram importantes e pararam de brigar. Deixávamos claro que eles eram exemplo para os outros colegas”, diz Jurânia. Com o passar do tempo, os outros alunos também quiseram ser monitores. Agora, as turmas se revezam e todos têm seu dia de monitoria.

Para o diretor da escola, essa idéia é simples e pode ser usada em outras escolas. “Basta adaptar à cada realidade”, observa. Em seu colégio, ele acha que serviu como medida preventiva. “Conseguimos fazer com que os alunos mais agressivos se integrassem na escola e melhorassem seu comportamento”, diz.

■ Escola Classe 2 — 371-1522

NO CENTRO DE ENSINO 2

“Bom dia. Aqui é a Rádio Corredor, a rádio do estudante”. Dessa forma Anderson Nunes, 19 anos, aluno da 8ª série do Centro de Ensino 2 de Ceilândia, inaugurou a rádio da escola há dois anos. Antiga reivindicação dos estudantes, a Rádio Corredor é a principal responsável pela transformação que ocorreu na hora do recreio. Era nesse horário que as brigas e confusões surgiam, as gangues planejavam suas ações e os pichadores sujavam a escola. O aglomerado de alunos facilitava a presença de estranhos, às vezes vendendo drogas.

Hoje o recreio tem nova rotina. A música alegre o pátio e os alunos que brigavam, dançam. A área ganhou canteiro de plantas e bancos. “Antes, parecia um presídio, sem bancos, sem cor. A única distração dos alunos era correr ou brigar”, conta o vice-diretor Adilson Araújo. Resolver a situação de violência e insegurança tornou-se prioridade.

Ouvindo os representantes das turmas, a direção decidiu realizar

o desejo dos estudantes e oferecer música para eles. Adquiriram as seis caixas de som, o microfone e o sistema de som. “Não gastamos mais que R\$ 2.400,00”, informa Adilson.

Junto com a rádio, vieram outras medidas simples, mas que funcionaram. Nas reuniões com representantes, direção e alunos estabeleceram regras de convivência. Os alunos escolheriam normas para os professores e direção seguirem, enquanto eles teriam que respeitar as regras decididas pela orientação, como não brigar ou sujar a escola.

Na hora do intervalo, se alguém briga, Anderson, hoje conhecido como DJ Pissaca, anuncia que o recreio terminou porque alunos estão brigando. Surtiu efeito. “Há mais de um ano não levamos ninguém para o hospital”, comemora Adilson. “Eles respeitam as regras porque elas não vieram de cima para baixo. E a rádio virou o centro das atenções”, completa. Os próprios alunos informam à direção

quando alguma confusão começa ou há estranhos no pátio.

“Antes o intervalo era muito chato. Era só os meninos correndo ou brigando”, lembra Kenya Domingues, 15 anos, aluna da 8ª série. Sua colega Kátia Pereira, 15, concorda e diz que hoje é bem mais animado. “E os alunos amadureceram”, avalia.

As duas gostam de pedir músicas de pagode para o DJ e aproveitam para mandar recados para os colegas pelo sistema de som. Pissaca toca todos os estilos, do rap ao axé. Basta pedirem. Além disso, aproveita para dar recados importantes sobre o andamento da escola.

Para a diretora Vânia Rego, basta força de vontade para promover mudanças importantes em um colégio. E o ponto principal é ouvir as sugestões dos alunos. “Uma escola só é democrática se der prioridade para aquilo que os estudantes consideram essencial”, acredita.

■ Centro de Ensino 2 — 371-2533